

AUTORA Nº 1 DO *NEW YORK TIMES*

SYLVIA DAY

CALOR
DA NOITE

CONTINUAÇÃO DE *PRAZERES DA NOITE*

LeYa

Ficha Técnica

Tradução para Língua Portuguesa © 2016 Leya Editora Ltda., Alline Salles

Publicado sob acordo com a Harper Collins Publishers

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: Heat of the Night

Preparação: Maitê Zickhur e Nina Lopes

Revisão: Anna Beatriz Seilhe

Capa: Leandro Dittz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Day, Sylvia

Calor da noite / Sylvia Day; tradução de Alline Salles. – São Paulo : LeYa, 2016.

ISBN 9788544103807

Título original: Heat of the night

1. Literatura norteamericana 2. Romance erótico I. Título II. Salles, Alline.

16-0133 CDD 813.6

CDU 82(73)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norteamericana

Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – São Paulo – SP

www.leya.com.br

SYLVIA DAY

CALOR
DA NOITE

TRADUÇÃO
ALLINE SALLES



Para minha família, que tem apoiado tanto minha carreira sem reclamar nada sobre quanto escrevo/trabalho. Publicar nove livros em um ano requer grande esforço de um escritor, e eles pagaram esse preço com muita elegância e amor.

Obrigada por abraçarem meu sonho e adaptarem a vida de vocês a isso. Não há palavras que expressem quanto significa para mim.

Vocês me dão força.

Amo vocês.

Cuidado com a Chave que abre a Fechadura e revela a Verdade.

Capítulo 1

Connor Bruce eliminou o guarda mais próximo com um lançamento perfeito de dardo.

Era para ser instantâneo, porém o tranquilizador demorou um pouco mais para agir. O guarda teve tempo de arrancar o dardo e sacar sua espada antes de revirar os olhos e cair no chão envolvido pelas vestes vermelhas.

— Foi mal, cara — murmurou Connor ao se inclinar sobre o corpo caído e pegar o comunicador e a espada. O homem acordaria apenas com uma vaga sensação de ter dormido, talvez de tédio.

Connor ficou de pé e assobiou um chamado parecido com o canto de um passarinho, que dizia ao tenente Philip Wager que ele fora bem-sucedido na tarefa. O assobio de resposta informava que os outros guardas ao redor do templo também tinham sido neutralizados. Instantes depois, ele foi rodeado por uma dúzia de homens vestidos de cinza-escuro para a batalha, túnicas justas sem manga e calças largas combinando. Connor usava trajes similares, mas eram pretos, representando sua patente de capitão dos Guerreiros de Elite.

— Vocês verão coisas assustadoras lá dentro — alertou Connor, fazendo a espada zunir ao tirá-la da bainha às costas. — Foquem na missão. Temos que descobrir como os Anciões trouxeram o capitão Cross de volta ao Crepúsculo do plano dos Sonhadores.

— Sim, capitão.

Wager mirou um emissor de vibrações no maciço portal *torii*

vermelho que anunciava a entrada para o complexo do Templo, confundindo, temporariamente, o sistema de câmeras que gravava os visitantes que chegavam. Connor encarava o arco com uma sensação de horror, confusão e raiva ao mesmo tempo. A estrutura era tão imponente que obrigava todo Guardião a deparar e ler o aviso gravado na linguagem anciã: *Cuidado com a Chave que abre a Fechadura.*

Por séculos, ele e cada membro de sua equipe haviam caçado a Sonhadora que estava profetizada a entrar no mundo deles através do estado de sonho e destruí-los. Ela os enxergaria como realmente eram e entenderia que não se resumiam a um fruto da imaginação, sendo, na verdade, seres reais que viviam no Crepúsculo, para onde a mente humana ia durante o sono.

Contudo, Connor já tinha conhecido a abominável Chave, que não era o espectro da morte e da aniquilação. Era uma veterinária loira, magra mas cheia de curvas, com grandes olhos escuros e um senso profundo de compaixão.

Tudo mentira. Todos aqueles anos perdidos. Felizmente, para a Chave — também conhecida de forma inofensiva como Lyssa Bates —, o capitão Aidan Cross, guerreiro lendário e melhor amigo de Connor, a localizou primeiro. Ele a encontrou, se apaixonou e fugiu com ela para o plano mortal.

Por isso se tornara missão de Connor revelar os mistérios dos Anciões no Crepúsculo, e tudo do que ele precisava saber estava guardado e protegido no Templo dos Anciões.

— Vamos — murmurou ele.

Com o tempo contado com grande precisão, eles avançaram pelo Portal. Dividiram-se em duas equipes que saíram correndo pelas margens do jardim central rodeado por pedras, ziguezagueando por meio dos pilares de alabastro.

O vento soprou suavemente, carregando consigo a fragrância das flores próximas e do gramado. Era o período do dia em que o Templo ficava fechado para o público, e os Anciões se retiravam para meditar. A hora perfeita para invadir e roubar quaisquer informações e segredos que conseguissem.

Connor entrou primeiro no *haiden*. Fazendo sinal com a mão, ergueu três dedos para indicar a direita enquanto ele foi para a esquerda. Três Guerreiros de Elite obedeceram ao comando silencioso e seguiram para o leste da sala redonda.

As duas equipes se moveram pelas sombras, tendo consciência de que qualquer passo em falso permitiria que as câmeras ao redor do perímetro flagrassem a invasão. No centro daquele espaço amplo havia bancos dispostos em fileiras formando semiluas que ficavam diante da entrada de pilares pela qual acabaram de passar. Com muitos andares, era um número tão grande de bancos que os Guardiões perderam a conta dos Anciões que administravam aquele lugar há tanto tempo. Aquele era o coração do mundo deles, o centro da lei e da ordem. A base do poder.

Reencontrando-se no corredor do meio que tinha passagem para o *honden*, Connor parou, e os outros esperaram seu comando. O corredor para o setor leste levava aos quartos dos Anciões. O que virava à direita dava para um jardim de meditação isolado e a céu aberto.

Essa galeria central era onde as coisas ficavam tensas. Depois de sua primeira — e única, até o momento — invasão ao Templo, ele estava preparado. Mas seus homens não.

Olhou para eles com uma sobrancelha arqueada, advertindo-os em silêncio para se lembrarem de seu alerta anterior. Os homens assentiram de forma sombria, e Connor seguiu em frente.

Conforme andavam, uma vibração sob seus pés chamava a atenção

de todos para o piso. A pedra brilhava e se tornava translúcida, dando a impressão de que o chão havia se desintegrado e que eles estavam prestes a cair em um manto infinito de estrelas. Connor bateu a parede por instinto, cerrou os dentes, até que a visão do espaço se fundiu em um caleidoscópio de cores.

— Mas que porra... — Wager ficou sem ar.

Connor dissera exatamente a mesma coisa na primeira vez que andara por esse corredor. Cada passo ondulava as cores, sugerindo que, seja lá o que fosse, reagia à presença deles.

— Isso é real? — sussurrou, tenso, o cabo Trent. — Ou é um holograma ou alguma coisa do tipo?

Erguendo a mão, Connor lembrou que os homens deviam permanecer em silêncio. Ele não fazia ideia do que era aquilo. Sabia apenas que não podia olhar para aquela coisa ou a vertigem o deixaria enjoado.

Eles passaram pela biblioteca Anciã particular e chegaram à sala de comando. Havia um Ancião lá, um sentinela solitário perdido num vasto espaço dominado por paredes altas que serviam de base para um painel de controle e botões luminosos. Como era costume dos Anciões, ele fora deixado para trás enquanto os outros se retiravam durante a tarde, e isso o transformara na infeliz vítima de um dardo tranquilizador no pescoço. Connor arrastou o corpo inconsciente do homem para o lado com o intuito de permitir que Wager tivesse acesso ao painel de controle semicircular.

— Vou virar as câmeras para que você não seja gravado — disse o tenente.

Wager se aproximou e começou a trabalhar, com as costas esticadas e as pernas levemente separadas, compenetrado em sua tarefa. Com o cabelo comprido e preto e seus olhos cinza-escuros, tinha uma aparência renegada que combinava com sua reputação de

pavio curto. Por causa de sua natureza volátil, ocupara o cargo de segundo tenente por séculos a mais do que deveria. Fazia pouco tempo que Connor o havia promovido a primeiro tenente, por todo o bem que ele fizera. Os dois eram insurgentes, tendo deixado os sancionados regimentos de Guerreiro de Elite para comandar a facção rebelde.

Confiante na habilidade de Wager para administrar a base de dados de busca, Connor deixou dois vigias na entrada e levou mais dois homens com ele para fazer uma busca física pelo local. Não fazia muito tempo que ele invadira o Templo com apenas Wager lhe acobertando. Porém, a recente invasão obrigara os Anciões a aumentar o número de guardas, o que, em troca, forçou Connor a entrar no complexo com doze homens. Seis do lado de fora e seis dentro.

Eles seguiam a passos largos e rápidos pelo corredor, evitando olhar para o caleidoscópio giratório no chão. A luz entrava pelas claraboias do teto e pela porta no fim do corredor, iluminada pelo sol, dava para ver a extremidade do jardim de meditação.

Quando chegaram à porta, Connor gesticulou para um homem entrar.

— Nada fora do normal.

O rapaz assentiu e entrou no cômodo sem porta, preparado e com a espada na mão. Connor repetiu o processo com o segundo soldado e continuou seu caminho sozinho. Entrou no próximo quarto.

Era escuro, nada incomum, considerando que estava desocupado, mas foi estranho a luz não ter acendido quando ele entrou. A única iluminação que lhe permitia enxergar vinha do corredor.

O centro do cômodo estava vazio, mas estantes de metal com rodinhas ocupavam as paredes. Havia um cheiro medicinal no ar e ele notou uma porta metálica aparafusada numa das paredes, o que

fez os pelos da sua nuca se arrepiarem. Havia uma janelinha na parte superior daquela barreira sólida, mas ele não sabia se aquilo servia para alguém observar de fora ou de dentro. De qualquer forma, aquela porta era seriamente desafiadora e significava que, seja lá o que estivesse do outro lado, era importante.

— O que será que tem ali? — perguntou ele em voz alta.

Connor se aproximou do controle sensível ao toque no canto da sala e começou a teclar rapidamente uma sequência. Era necessário que as benditas luzes se acendessem para que ele pudesse ver com o que estava lidando. Poderia obter alguma vantagem naquele momento, e conseguir um item valioso para chantagear seria muito bom.

Um dos vários comandos que ele apertou fez o painel emitir um breve som e, em seguida, o lugar começou a se iluminar lentamente.

— Isso!

Ele sorriu e se virou, analisando o pequeno cômodo com chão de pedra e paredes brancas lisas.

O chiado agudo de abertura da pressão hidráulica o fez se virar. De algum jeito, conseguiu fazer a porta se abrir também, o que facilitava tudo.

O que aconteceu em seguida ficaria para sempre na memória de Connor. Houve um rugido que parecia fruto de raiva misturada com medo, então a porta pesada se abriu com uma força tão explosiva que atingiu a outra parede.

Com a espada empunhada, Connor estava pronto para lutar. Mas não estava preparado para ver o que surgiu e o atacou, um corpo que parecia ser de um Guardiã, mas que tinha olhos pretos por completo, sem a parte branca, e dentes terrivelmente afiados.

Connor ficou imóvel, horrorizado e confuso. Era uma ofensa gravíssima matar outro Guardiã e, até onde sabia, não cometiam

nenhum assassinato havia séculos. Foi isso que o deixou paralisado, de forma que não se defendeu do impacto violento que o derrubou no chão. Algo que nunca tinha acontecido porque ele era muito grande.

— Porra! — xingou quando aterrissou com força no chão.

Aquela coisa estava em cima dele, era um homem de tamanho considerável dominado por uma ferocidade inexplicável. Rosnava e lutava como uma besta raivosa. Connor se jogou para o lado, rolando para deixar a mão livre. Apertando o pescoço do agressor, ele usou a outra mão para desferir socos brutais, e com isso deveria ter nocauteado o inimigo. Sentiu um osso da mandíbula quebrar em sua mão e o nariz estilhaçar, mas nem os machucados nem a privação de ar pareciam afetá-lo.

No fundo, um medo traiçoeiro se contorcia dentro de Connor. Aqueles olhos negros emanavam uma loucura incômoda e garras afiadas rasgavam a pele de seus antebraços. Como é possível derrotar um inimigo sem consciência?

— Capitão!

Connor nem ergueu os olhos. Ele rolou novamente e esticou o braço, passando-o por cima de seu agressor, e o agarrou pelo pescoço. Uma espada chiou pelo ar e cortou o topo da cabeça do homem, espalhando sangue por tudo quanto era canto.

— Que porra era essa? — gritou Trent, parado bem acima da cabeça de Connor com a lâmina assassina em mãos.

— Não faço ideia.

Connor jogou o cadáver para o lado. Olhou para si mesmo com nojo, tocando com o indicador a gosma que cobria seu corpo. Era grossa e preta, com a mesma aparência e cheio de sangue coagulado. Seu olhar se voltou para o corpo que tinha um rosto, das sobrancelhas para baixo, intacto. A pele era de um tom pálido doentio e os ossos estavam aparentes. Nas mãos e nos pés havia

garras compridas e grossas, como de um réptil. Porém, o mais assustador eram os olhos tingidos de preto, sem vida, e a boca escancarada. Esses detalhes transformavam um homem com aparência moribunda e esquelética em um predador formidável.

Vestia apenas uma calça larga manchada e rasgada. No dorso da mão havia uma marca: “HB-12”. Deram uma rápida olhada na cela de onde aquilo escapara e notaram a parede grossa metálica que tinha sido literalmente arrancada.

— Seu quarto é, definitivamente, mais interessante que o meu — disse Trent. A frivolidade de sua declaração fora arruinada por sua voz trêmula.

Connor se esforçava para respirar, mais devido à sua raiva do que pelo empenho na briga.

— É exatamente esse tipo de merda que causou a rebelião!

A maioria diria que liderar uma revolução era contra sua natureza tranquila, e tinha razão. Droga, ele ainda não conseguia acreditar que tinha dado aquele passo. Mas havia muitas perguntas e todas as respostas que tinha não passavam de mentiras. É, ele era um homem que gostava de coisas dolorosamente simples — *vinho, mulheres e porradaria*, como costumava dizer —, mas não tinha dificuldade em assumir a responsabilidade e resolver as coisas quando necessário.

Era seu trabalho proteger os outros, tanto os Sonhadores quanto os Guardiões mais gentis. Havia milhares de pessoas, todas divididas em algumas especialidades. Cada Guardião tinha uma força. Alguns eram gentis e ofereciam conforto aos Sonhadores aflitos. Outros eram brincalhões e invadiam sonhos de heróis ou chás de bebê. Havia os Sensuais, os Curandeiros, os Educadores e os Desafiadores. Connor era da Elite. Ele matava Pesadelos e defendia seu pessoal. Se também tivesse que proteger todos dos Anciões, faria isso.

— Agora não tem mais como fingir que o Templo não foi invadido

— comentou o cabo.

— Não — concordou Connor —, não tem como.

Mas não se importava muito com isso. Na verdade, queria que os Anciões soubessem que seus segredos não estavam seguros. Queria que ficassem espertos, que se sentissem tão perturbados e desconfiados quanto ele. Deviam muito a Connor, no mínimo por terem pedido para que ele arriscasse a vida por uma causa falsa.

Wager entrou correndo no cômodo seguido por mais dois homens da Elite.

— Uou! — disse ele, escorregando na gosma até conseguir se equilibrar. — Que merda é essa?

— Não sei, porra. — Connor franziu o nariz.

— É — concordou Wager. — Isso fede. Provavelmente foi o que acionou o alarme no painel. Meu palpite é que os reforços já estão vindo, então é melhor darmos o fora daqui.

— Conseguimos alguma coisa útil na base de dados? — perguntou Connor, pegando a toalha de uma das estantes na parede. Esfregou-a na pele arranhada e nas roupas rasgadas para remover o que desse da substância impregnada que mais parecia sangue.

— Baixei o que consegui. Demoraria uma eternidade baixar tudo, mas tentei focar nos arquivos que pareciam mais intrigantes.

— Deve bastar. Vamos.

Ao sair, tomaram o mesmo cuidado que tiveram na entrada, esquadrinhando os arredores com cautela. Mesmo assim, ninguém viu o Ancião de robe cinza-escuro camuflado nas sombras.

Estava em silêncio e sem chamar atenção. Sorrindo.